

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE ARTES

LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

Rosa Maris Emer Marques

RETRATOS EM VIOLETA

Uma Experiência na Produção de Aquarelas Monocromáticas

Porto Alegre

2019

Rosa Maris Emer Marques

RETRATOS EM VIOLETA

Uma Experiência na Produção de Aquarelas Monocromáticas

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do
título de Licenciada em Artes Visuais, Instituto
de Artes Visuais, UFRGS.

Orientadora:

Prof^ª Dra. Adriane Hernandez

Banca:

Prof^ª Dra. Andrea Hofstaetter

Prof^ª Dra. Laura Castilhos

Porto Alegre

2019

*Tornar o outro alegre, de alegria genuína
consolando-o das penas de existir, pode
parecer muito pouco para justificar esse
trabalho. No entanto, é das coisas mais
difíceis de obter, no duro mundo que
Matisse via formar-se. De lá para cá, essa
brutalidade não faz senão crescer.*
Paulo Pasta

Agradecimentos

A meus amigos e familiares, a meus filhos por existirem e fazerem parte da minha vida.

A meus colegas nessa universidade e na escola em que trabalho e a meus queridos alunos.

À minha orientadora Prof^ª Dra. Adriane Hernandez, por ter aceito meu convite e por sua paciência e dedicação.

À Prof^ª Dra. Andrea Hofstaetter pelas dicas e críticas para o melhoramento de meu trabalho e à Prof^ª Dra. Laura Castilhos pelo estímulo e atenção, e por terem, ambas, aceito meu convite.

E a meus pais, que mais do que presentes nos escritos desse trabalho estarão para sempre em minha memória.

SUMÁRIO

I - Contextualizando a pesquisa.....	12
II - Série Retratos em Violeta.....	18
III - O olhar através da água.....	32
IV - A intenção na cor.....	36
V - Relações com o processo fotográfico.....	37
VI - Um contato precoce com a fotografia.....	38
VII - O retrato em minha produção.....	41
VIII - Relações com o ambiente de trabalho.....	56
IX - Artistas referenciais.....	57
X - Considerações Finais.....	63
Referências.....	65

RESUMO

Esse Trabalho de Conclusão de Curso trata do processo de uma série de retratos que realizei em 2018 e 2019, utilizando a técnica da aquarela, em monocromático, e que denominei de “Retratos em Violeta”. Os retratos são realizados a partir de registros fotográficos de pessoas de meu convívio e de autorretratos, os quais se inter-relacionam criando uma espécie de jogo visual entre essas imagens. Faço conexões com diferentes autores e com minhas vivências pessoais, a partir da observação e na própria elaboração das pinturas para essa pesquisa. Há referência à minha atividade como arte educadora, ao citar experiências com meus alunos quando realizam desenhos de observação, retratos, e autorretratos. Estudo obras de duas artistas contemporâneas, Françoise Pétrovich e Elizabeth Peyton, que produzem pinturas com as quais guardo alguma identificação no modo de trabalhar.

Palavras-chave: Retrato, Memória, Aquarela, Fotografia, Ensino da Arte

I - Contextualizando a pesquisa

Comecei a desenvolver os trabalhos que resultaram nessa proposição de pesquisa ao final do ano de 2018. A produção que hoje considero consistente para o desenvolvimento de relações entre prática e teoria, comportando conceitos operacionais para uma pesquisa poética, refere-se a retratos monocromáticos em aquarela que nomeei de *Retratos em Violeta*.

Os retratos desenvolvidos em aquarela são criados a partir de fotos de pessoas do meu convívio e também por autorretratos. Cada uma das aquarelas traz a imagem de uma pessoa no ato de fotografar com o seu celular ou de posar para uma fotografia. Numa espécie de jogo visual, as aquarelas se inter-relacionam, indicando que a imagem do fotografado de uma cena fotografa outra pessoa, que por sua vez, aparece representada em outra aquarela. Na sequência se alternam, por exemplo, uma pessoa que é representada de frente com seu celular na mão e uma outra pessoa que é representada de costas, indicando um registro fotográfico furtivo, uma contrapose. As aquarelas formam um grupo em que os retratados parecem estar fotografando uns aos outros. Essa disposição sugere, além de um certo movimento de olhares, uma passagem de tempo e um diálogo com o espaço, uma vez que são criadas relações de deslocamento entre as imagens bidimensionais.

Desenvolvo um tipo de jogral entre as imagens que não é tão fácil de ser percebido, pois as relações são sutis, aparentemente são simples retratos, e de fato os são, mas

há um elo, um encadeamento possível de ser notado, uma narrativa aberta.

As imagens citam também as transformações pelo uso de novas tecnologias, que ocorreram nas últimas décadas em nossa sociedade. O uso do celular como instrumento de captura de imagens já substituiu, em certa medida, a câmera fotográfica. Entretanto, o celular assim como a câmera, também é usado para fins de captura de poses corriqueiras em registros fotográficos de pequenos eventos cotidianos como, por exemplo, um passeio na praia. Diferentemente da câmera analógica e até mesmo da digital, as imagens e poses registradas com o celular são disparadas com muito mais incidência. A tela do celular veio nos aproximar física e temporalmente da nossa autoimagem, uma vez que lidamos com ela mais de perto, de vários ângulos e num tempo mais imediato do que nos processos de revelação de uma fotografia obtida com uma câmera antiga.

O celular de certo modo modifica nossa relação, não só com as imagens registradas, como também com o mundo ao nosso redor e suas implicações psíquicas relacionadas à autoimagem.

Ainda é possível acrescentar que quando faço o “retrato do retrato”, pintando a partir de fotografias, essa imagem é também um tipo de memória da imagem anterior.

Considero que estas questões despontam em minhas pinturas, assim como a ideia de uma memória que se esvai ou se aviva ao longo do tempo, uma ambivalência presente na fotografia e nas minhas aquarelas, que podem ser percebidas como uma imagem em formação ou em apagamento. Para Walter Benjamin, a imagem ambivalente é uma imagem aurática. A aura seria uma espécie de imagem que aproxima o distante: “a aparição única de uma

coisa distante, por mais próxima que ela esteja”. (1994, pg.170).

Segundo Benjamin, toda produção artística é circundada por uma certa 'aura', que revela sua singularidade e as imagens podem conter uma ambivalência, isto é, elas podem nos ser próximas e presentes e ao mesmo tempo trazer algo que está distante no tempo, algo do passado como, por exemplo, quando observamos uma foto: o objeto está perto de mim, mas posso perceber outras coisas que essa imagem carrega, como as lembranças de um passado remoto, ou seja, estar distante e próximo ao mesmo tempo.

A distância pode ser física e temporal, mas se projeta internamente, nos provocando sensações e emoções no presente, ao nos fazer lembrar.

Quanto aos materiais utilizados nessa série de retratos foram: papel para aquarela, Montval e a tinta Aqualine, da marca Corfix, cor lilás 28. A quantidade de tinta que usei nos trabalhos foi mínima, pois, mesmo sendo uma aquarela líquida, sempre a diluía em bastante quantidade de água, porque o pigmento é bem concentrado e a minha intenção era a de que as imagens ficassem bem suaves e com pouca saturação da cor.

Sendo esse um Trabalho de Conclusão de Curso na Licenciatura cabe aqui colocar sobre a importância, para mim, de poder desenvolver a poética do professor artista uma vez que há interligação entre essas duas funções e que estará especificada na parte X - Considerações Finais.

Além de uma ampliação nos conhecimentos dentro da pintura me foi oportunizado, ao longo desse trabalho, conhecer pesquisas atuais no campo da arte/educação, como a A/R/Tografia. Desta forma, A/R/T que significa Artist (artista), Researcher (pesquisador), Teacher

(professor) e Graph (grafia: escrita/representação) se trata da Pesquisa Educacional Baseada em Arte. Para Rita Irwin a A/r/tografia possibilita uma expansão de possibilidades para artistas e educadores interessados na Pesquisa Viva.

O que temos aprendido em nosso trabalho pedagógico é que precisamos compreender e relacionar a prática da educação com a prática de arte e trazer essas relações para o campo profissional como um aprendizado relacional. Uma relação intrínseca entre corpo, teoria e prática. O artista, o professor e o pesquisador não são posições dicotômicas. Estão envolvidos e separados na medida em que o aprendizado se torna flexível e criativo.

(RITA IRWIN, 2016, p.9)

Meu entendimento sobre o ensino da arte na escola se alinha, também, com o que Luciana Loponte e Andrea Coutinho alertam: sobre o desmonte do ensino de arte numa sociedade cada vez mais voltada para o neoliberalismo como está se transformando a de nosso país, onde os primeiros cortes de verba são destinados às coisas consideradas “inúteis”, como a arte, por exemplo.

Somando-se aos ataques no campo curricular, as artes em geral tem sido ameaçadas de várias formas no país, tanto em relação aos cortes orçamentários e a diminuição dos incentivos financeiros para a produção artística, como em relação ao teor dessas produções, como o ataque de grupos moralistas de neoconservadores à exposição do Queermuseu, em Porto

Alegre, RS, em 2017. (LOPONTE e COUTINHO, 2017, pg.111)

Alunos, entre os quais muitos se queixavam em minhas aulas de arte na escola, da falta de uma carga horária maior para a disciplina de arte, a partir desse ano terão a redução pela metade, isto é, de dois períodos semanais, as aulas de arte serão de somente um período por semana. Ou seja, se já estava pouco ainda ficará menor.

O presente trabalho está dividido da seguinte forma a partir da parte II, denominada **Série: Retratos em Violeta**, onde descrevo e justifico o material utilizado e a cor de minha escolha. Faço uma relação da cor violeta, com a memória, a passagem e a distância no tempo, interligando essas questões com o fato de que ao observarmos uma paisagem, geralmente, ao fundo vemos essa cor, o que levou-me a citar o conceito de perspectiva aérea de Leonardo Da Vinci. Faço referência, também, a Simon Shama, que em seu livro “Paisagem e Memória” nos traz a ideia de paisagem como obra da mente.

Na parte III, que denominei “**O olhar através da água**” faço referência a Gaston Bachelard e seu conceito de imaginação material, uma vez que são trazidas, nessa parte do texto, abordagens sobre a materialidade nas pinturas que realizei em aquarela sobre papel, sobre a presença da água, que dilui o pigmento, se interpõe, formando ou apagando as imagens, assim como os espaços vazios que circundam as figuras.

Na parte IV, intitulada “**A intenção na cor**”, discorro sobre o uso da cor violeta e faço alusão ao impressionismo, relacionando com a percepção da luz natural como

atmosfera, inundada pela luminosidade do dia e da natureza.

Na parte V, que nomeei “**Relações com o processo fotográfico**” faço uma inter-relação entre a fotografia, o processo fotográfico, o modo como faço as aquarelas e o fato das mesmas serem monocromáticas.

A parte VI, que tem como título “**Um contato precoce com a fotografia**” conta sobre as relações iniciais, em minha infância, com a fotografia, o retrato e o possível reflexo de minhas vivências anteriores em meu trabalho de pintura atualmente.

Parte VII, “**O retrato em minha produção**”, trago as minhas experiências anteriores em pintura de retrato e autorretrato, ao mesmo tempo que abordo a atividade que exerci com meus alunos ao longo de 15 anos de atuação como professora de arte na rede pública estadual, atividade essa também relacionada à prática do retrato.

Na parte VIII do texto, “**Relações com o ambiente de trabalho**” abordo sobre a repercussão dos espaços em minha prática.

Em “**Artistas referenciais**”, parte IX, cito Matisse, Gauguin e Lucian Freud, como minhas fontes de inspiração iniciais e trago, especialmente, duas artistas contemporâneas que dialogam com meu trabalho e que só vim a conhecer durante a pesquisa para o TCC: Françoise Pétrovich e Elizabeth Peyton.

II - Série: Retratos em Violeta

A série “Retratos em Violeta” se refere a trabalhos que comecei a desenvolver em 2018, em aquarela. Para realizá-las utilizei uma única cor, o violeta. A escolha pela aquarela é por fazer parte dos materiais, a princípio, menos tóxicos e que agridem menos a natureza, mas também porque ainda requer uma utilização mais delicada, rápida e sutil com o que, no momento, estou me identificando mais.

A cor violeta, por mim escolhida, inicialmente sem nenhuma pré-determinação consciente, remete-me à distância numa paisagem, quando a visualizamos e vemos montanhas violáceas ou azuladas lá no fundo, ao longe. Relaciono o uso dessa cor, portanto, às questões sobre a distância também no tempo. Aquilo que vemos ao longe e que se esvai, onde camadas como véus se colocassem entre nós que estamos lembrando e o objeto dessa lembrança. Entram aqui, para mim, os registros fotográficos, como capturas, camadas no tempo e apreensões da memória.

Simon Schama, em seu livro *Paisagem e Memória* (1995) nos traz a ideia de paisagem como obra da mente. Para ele a paisagem “compõe-se tanto de camadas de lembranças quanto de estratos de rochas” (SCHAMA, 1995). Dessa forma, sempre que apreciamos um local, dele recortamos aquilo que estamos alcançando com os nossos

olhos, mas, também, as nossas lembranças, impressões e vivências.

Quando observamos uma paisagem da natureza, onde é possível visualizar montanhas bem distantes, em geral o tom violeta predomina, como na imagem a seguir:



Figura 1: Montanhas do Atlas em Marraquech

<https://quantocustaviajar.com/blog/montanhas-do-atlas-em-marrakech/>Foto: Marruecos Excursiones

O que está mais perto é mais nítido e as cores variam entre diferentes tonalidades de verde e amarelo (como pode ser observado na imagem acima). Uma névoa violácea e o próprio violeta se mesclam ao longe e se tornam menos nítidos.

Leonardo da Vinci, ao observar a rara nitidez nos lugares mais distantes de uma paisagem, nos deixou o conceito de perspectiva atmosférica, muito utilizado também por outros artistas, como o pintor inglês Willian

Turner, que explorou esse conhecimento e soube jogar, exemplarmente, com os efeitos da luminosidade em suas pinturas. O ar ou a atmosfera que se interpõe ao observador e o objeto observado provoca modificações na nitidez e na cor das imagens mais afastadas. Assim, o que está mais próximo de nós se destaca, não somente por parecer maior, como ocorre na perspectiva linear, mas porque seus contornos se diferenciam, são mais nítidos em relação ao que está mais longe. Aquilo que está mais distante é colocado acima na tela, adquirem uma diluição dos contornos e há alteração na luminosidade e nas cores, as quais se aproximam daquelas aplicadas ao fundo da tela. A atmosfera e as bordas dos objetos são fundamentais ao pensarmos no conceito de perspectiva atmosférica ou aérea, como também é conhecida (ALBUQUERQUE, 2017).

É entre essas observações e a ideia de paisagem e memória de Schama que busco uma analogia na cor, que utilizo na série de retratos na cor violeta, e o distanciamento em nossa mente das memórias, dos fatos e acontecimentos que nela repousam, como camadas no tempo. Essas memórias, podemos acessá-las em qualquer momento, mas quanto mais distantes, menos nítidas nos parecem. Em alguns retratos a cor está mais diluída, o que se traduz numa tentativa de representar esse distanciamento no tempo a que me refiro acima.



Figura 2: Rosa Marques, aquarela sobre papel, 65 cm x 50 cm, 2018.



Figura 3: Rosa Marques, aquarela sobre papel, 65 cm x 50 cm, 2018.



Figura 4: Rosa Marques, aquarela sobre papel, 65 cm x 50 cm, 2018.



Figura 5: Rosa Marques, aquarela sobre papel, 65 cm x 50 cm, 2018.



Figura 6: Rosa Marques, aquarela sobre papel, 65 cm x 50 cm, 2019.



Figura 7: Rosa Marques, aquarela sobre papel, 65 x 50 cm, 2018.



Figura 8: Rosa Marques, aquarela sobre papel, 65 x 50 cm, 2018.



Figura 9: Rosa Marques, aquarela sobre papel, 65 x 50 cm, 2018.



Figura 10: Rosa Marques, aquarela sobre papel, 65 x 50 cm, 2019.



Figura 11: Rosa Marques, aquarela sobre papel, 65 x 50 cm, 2019.

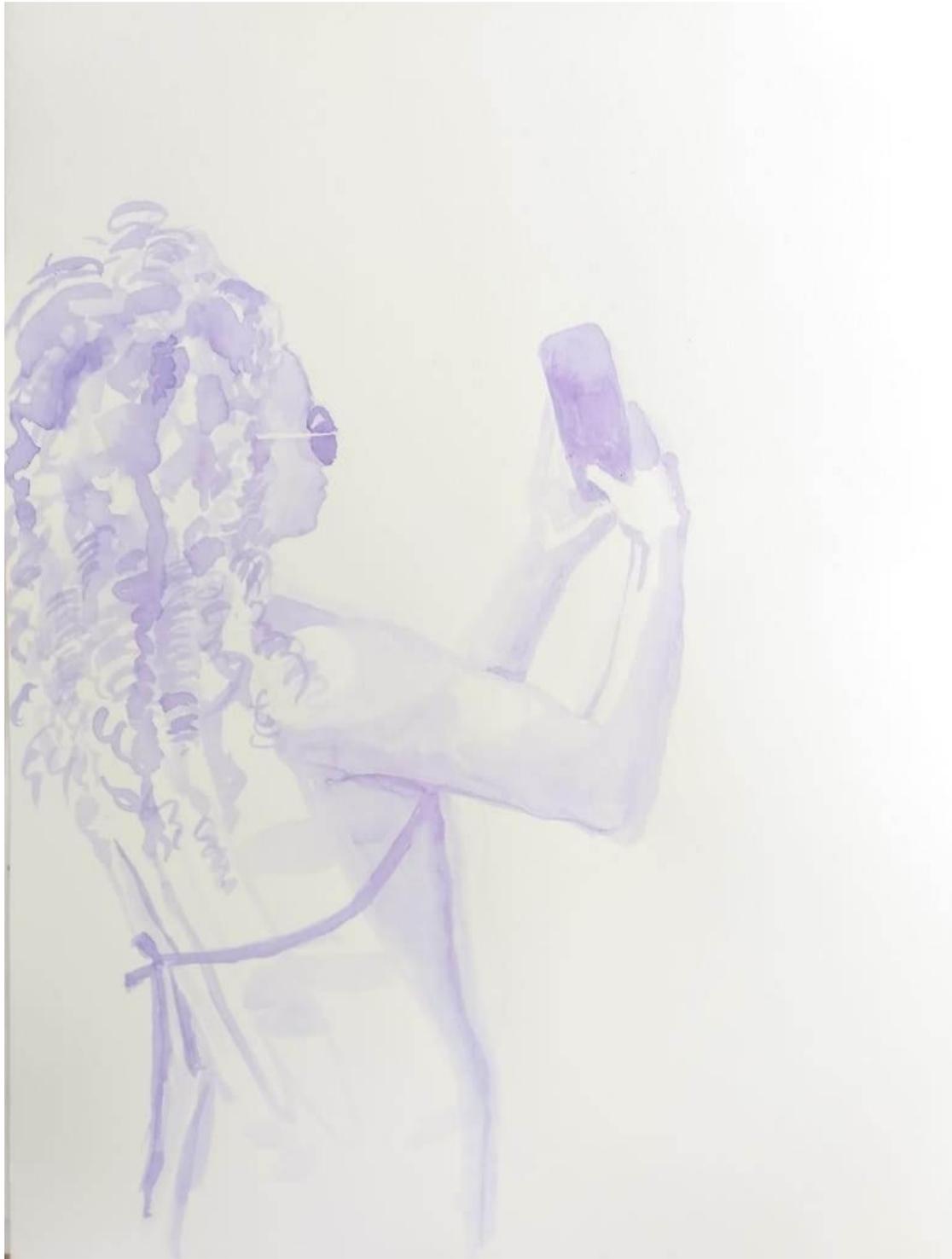


Figura 12: Rosa Marques, Aquarela sobre papel, 65 x 50 cm, 2019.

III- O olhar através da água

Gaston Bachelard, filósofo francês, que inovou a tradição científico-filosófica, a qual prioriza a ocularidade, nos fazendo meros observadores do mundo como espetáculo, faz uma diferenciação entre a imaginação formal e material. Essa, ao invés de ser um tipo de imaginação de quem contempla o mundo, ociosamente e renega a matéria, é produtora e dinâmica, resultante do envolvimento e o contato corpo a corpo com o mundo material e com o onírico que surge a partir dessa luta transformadora.

Para Bachelard é possível se reconhecer “na água, na substância da água, um tipo de intimidade, intimidade bem diferente em que as “profundezas” do fogo ou da pedra sugerem. Deverá reconhecer que a imaginação material da água é um tipo particular de imaginação”. Para ele,

A água também é um tipo de destino, não mais apenas o destino das imagens fugazes, o vão destino de um sonho que não se acaba, mas um destino essencial que metamorfoseia incessantemente a substância do ser.

(BACHELARD, 1998, p.6)

A água dilui o pigmento, o que possibilita o surgimento da imagem, mas também, a substância água pode ser vista como algo que se interpõe entre o observador e o objeto observado. Se formos olhar através da água temos uma distorção, uma diluição, um possível apagamento da imagem; haverá pouca visibilidade. Entra aqui a questão de como é visto aquilo que vemos. O que conseguimos ver? O olhar como uma impossibilidade. O que é visto é desfocado, ou em desaparecimento. Podemos tecer, aqui, uma relação entre a delicadeza e a sutileza de como as imagens se formam na memória. Há algo que escapa, que não se fixa de uma forma nítida e podemos atuar sobre essas imagens através da arte.

A imaginação é produtora, criadora, e se insere, em meu trabalho, no conceito de imaginação material de Gaston Bachelard (1998). Na série em violeta, as imagens não são uma simples reprodução, mas elas estão transformadas a partir da minha atuação.

O modo de expor as pinturas também me remete à linguagem da história em quadrinhos, onde os acontecimentos são representados lado a lado como uma representação da passagem do tempo. No entanto, mais do que uma narrativa, nessa sequência a água é o meio pelo qual essas imagens aparecem, ela une e ao mesmo tempo dissolve as figuras.

IV- A intenção na cor

Quanto à escolha do monocromático, como mencionado acima, a princípio não foi intencional e menos por alguma razão em especial do que intuitivamente. Simplesmente escolhi essa cor. No entanto, essa tonalidade azulada foi intencionalmente buscada, porque, quando refiz a primeira pintura da série, um entre outros motivos de tê-la refeito, foi a tonalidade mais avermelhada, como podemos ver na Fig. 13.



Figura 13: Rosa Marques, aquarela sobre papel, 59,4 x 42 cm, 2018.

A própria escolha da aquarela, cuja sutileza e diluição do pigmento no meio aquoso, por si já expressa, a meu ver, a fugacidade, a temporalidade, no que essa tem de inatingível, que se esvai entre nossas mãos e que desaparece gradativamente.

Podemos aqui mencionar a imaginação material a que se refere Marly Bulcão em seu artigo *Bachelard: a noção de imaginação*. Embora tenha como ponto de partida nessas pinturas uma simples representação de fatos retirados da vida real, o uso de uma única cor, a ausência da paisagem no fundo, o vazio em que se insere a figura representada e a própria utilização do material em suas especificidades, traduz minha busca pelo predomínio da imaginação material sobre a imaginação formal, citada por Marly Bulcão. Ela traz a concepção de Bachelard de que “a imaginação formal é fundamentada no olhar e, nesse sentido, é uma imaginação ociosa que resulta da contemplação passiva do mundo” (Bulcão, 1990, p.13), o que difere da imaginação material quando diz:

A imaginação material, ao contrário, recupera o mundo como concretude, pois resulta do enfrentamento do homem com a resistência material das coisas que o cerca.. (BULCÃO, 1990, p.13)

Desta série, ainda tenho a acrescentar sobre meu interesse nos contrastes de luz e sombra nos registros fotográficos de onde partiram essas pinturas. Ao observá-los percebo a luz natural do espaço vazio que circunda a figura retratada e isso me parece advir dos contrastes de claros e escuros da própria figura, e da ausência de qualquer visualidade material ao seu redor. Evoco aqui características da representação impressionista, cuja busca da luz natural percebida como atmosfera, inundada pela luminosidade do dia e da natureza, impulsionava os artistas. Cabe salientar que estes artistas pintavam ao ar livre, o que não é o meu caso, mas identifico algo em comum com meu trabalho, na medida em que transparece o efêmero, já que os retratos representam momentos fugazes e raros de pessoas em contato com a luz do dia e com a natureza. No entanto, o uso de uma cor única, a escassez de pigmento, diluído em água, que é uma das características da aquarela, conferem a essa série de retratos uma diluição da figura sobre o fundo, que nada mais é do que a cor ou a claridade do suporte que é o papel. Um contraponto entre aparecimento e desaparecimento se revela, uma vez que a nitidez e a luminosidade do dia, que em alguns momentos abarcam as figuras, se opõem à fluidez e ao desaparecimento dessas, como se encobertas por uma neblina, sumissem no seu interior ou se transformassem em névoa.

V - Relações com o processo fotográfico

Nessa série de aquarelas é possível uma reflexão sobre a inter-relação entre a fotografia, o processo de revelação e o modo como faço as aquarelas.

Com o fato de usar a aquarela, a presença da água faz pensar no processo fotográfico, onde a imagem é mergulhada num líquido, que é a água e produtos químicos, o que faz a imagem aos poucos ir aparecendo e, dependendo da intenção, pode haver uma interrupção no processo de revelação quando a imagem ainda não apareceu por completo. O processo de revelação é, também, acontecimento no tempo, onde a imagem surge vagarosamente e torna-se mais ou menos nítida conforme o tempo de imersão no líquido revelador.

É, ainda, monocromático, pois somente o vermelho ilumina o ambiente no momento da revelação. Nessa série de aquarelas é como se esse processo fosse estancado, impedido em seu curso e o violeta substituísse o vermelho da cor-luz do ambiente, interior de um laboratório fotográfico.

Penso que as imagens dessa série “Retratos em Violeta” provém de vivências particulares com a revelação fotográfica. Para isso vou buscar em minha infância e adolescência lembranças que podem trazer sentido a essa afirmação.

VI - Um contato precoce com a fotografia

Em minha história de vida a fotografia teve grande importância, desde o início. Nasci, praticamente, dentro de um estúdio fotográfico, pois meu pai era fotógrafo e o estúdio era no mesmo apartamento térreo onde morávamos, separado do restante apenas por uma porta. Ele realizava ali fotografias em 3 x 4, em sua maioria, mas também registros de casamentos, formaturas, e outros, fora dali. Esse foi o meu contato primeiro e bem significativo com a fotografia. Observava muito atentamente meu pai e minha mãe, que o auxiliava, quando retocavam as fotos para tirar-lhes os pontos esbranquiçados que ficavam naquelas em preto e branco, ou colorindo com óleo de linhaça, com uma mínima quantidade de tinta a óleo, para parecer o mais natural possível.

O acesso ao laboratório fotográfico era praticamente proibido para as crianças, não lembro de ter entrado sem a permissão de meus pais.

No estúdio onde as pessoas eram fotografadas os registros eram feitos sob a luz forte e aquecida de dois holofotes grandes, um à esquerda e outro à direita; e dois menores atrás, o que deveria produzir uma luz suficiente e equilibrada para não distorcer as feições do rosto com um contraste de sombra e luz indevido. Devo confessar que o ambiente era tenso, meu pai era um homem afetivo, mas nervoso e para adentrar no laboratório era preciso ter

muito jeito para conseguir permissão, o que não era muito difícil para mim, pois, era cuidadosa com as coisas e me interessava naquele processo de feitura das fotos.

Tenho em minha memória, até hoje, o cheiro daqueles líquidos: o que revelava a imagem, porque, o que estancava a revelação, talvez fosse a própria água. Mas para mim todos exalavam um odor que inundava aquela pequena-grande sala da minha infância. Era escura, somente iluminada com uma luz vermelha, pois a retirada do filme da máquina fotográfica deveria ser muito criteriosa para que não “queimasse” o filme que continha as imagens capturadas com a máquina. Iria, então, para o líquido revelador do filme.

Se estivesse tudo certo, os negativos eram vistos e analisados. O papel fotográfico, então, estaria esperando, no ampliador, as imagens em negativo, escolhidas previamente. A luz, agora branca, insidia e impressionava o papel por alguns segundos. A imagem só aparecia em negativo nesse papel. Após, a luz branca do ampliador era desligada e dava lugar à vermelha, quando um mergulho no líquido revelador do papel iria desenhar, vagarosamente, aquelas imagens. Elas surgiam “do nada”, “do vazio” e se pronunciavam pela superfície lisa daquele papel especial, tão cuidadosamente guardados nas caixas amarelas da marca Kodak.

Era esse o momento mais tenso: quando parar. Se passassem alguns décimos de segundo, todo o trabalho poderia estar perdido, pois a foto ficaria “saturada”, como

meu pai dizia. Mas se estancasse o processo, antes do ideal, a foto poderia ficar sem nitidez, ou em apagamento.

Certamente, de alguma forma, o meu contato na infância e adolescência com esses materiais e processos, se refletiram em meus trabalhos, nos retratos e nos autorretratos que fiz e que faço atualmente.

Constituindo a série “Retratos em Violeta” seguem-se as figuras, de 26 a 35, com as aquarelas produzidas por mim no decorrer dessa pesquisa.

VII - O retrato em minha produção

Já tendo experimentado diferentes técnicas e transitado pela abstração, observo em meu percurso a recorrência ao retrato do retrato, isto é, pinturas ou desenhos a partir de fotos, retiradas de reportagens de jornais, de cenas familiares ou pessoas de meu convívio. Registrar os traços de alguém é, ao mesmo tempo para mim, um prazer e um desafio.

Pinturas em acrílica a partir de fotos de meus filhos, quando crianças, desenhos de meus alunos, com lápis 6B, quando a turma está tranquila para isso, pontuam meus trabalhos.



Figura 14: Rosa Marques, Grafite sobre papel, 30 x 21 cm, 2001.



Figura 15: Rosa Marques, Acrílica sobre tela, 95 x 145 cm, 2001.



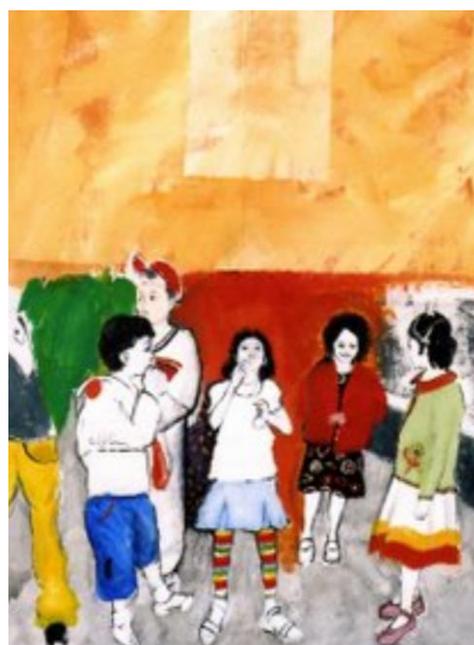
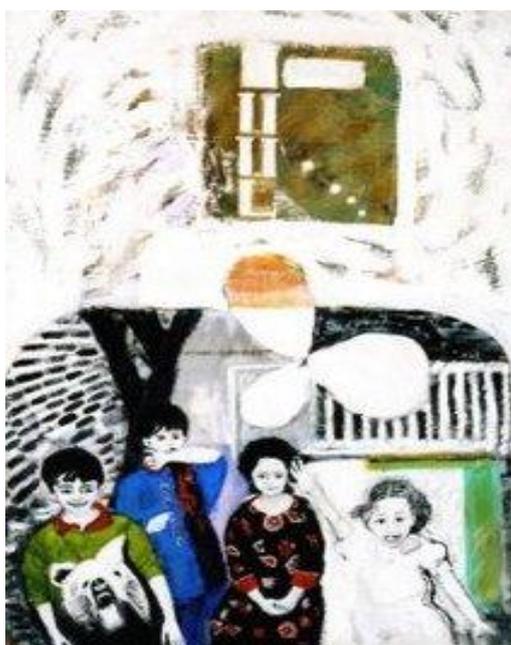
Figura 16: Rosa Marques, Óleo sobre tela, 95 x 65 cm, 2003.



Figuras 17: Rosa Marques, Acrílica sobre tela, 145 x 95 cm, 2000.



Figura 18: Rosa Marques, Acrílica sobre tela, 145 x 95 cm, 2001.



Figuras 19 e 20: Rosa Marques, acrílica sobre tela, 60 x 60 cm, 2003.

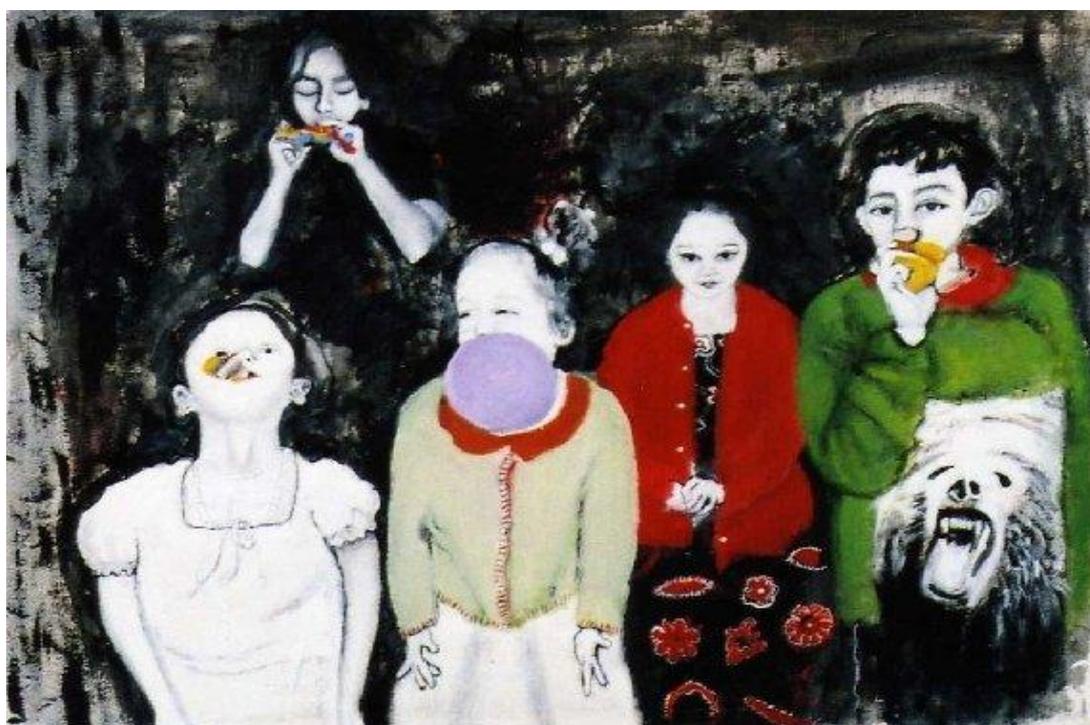


Figura 21: Rosa Marques, acrílica sobre tela, 50 x 60 cm, 2003.

Autorretratos feitos a partir de fotos ou diretamente com espelho e com diferentes materiais também se repetem desde que comecei a pintar ou desenhar.



Figura 22: Rosa Marques, acrílica sobre papel, 40 x 30 cm, 2003.



Figura 23: Rosa Marques, grafite sobre papel, 30 x 35 cm, 2000.



Figura 24: Rosa Marques, acrílica sobre tela, 40 x 50 cm, 2001.

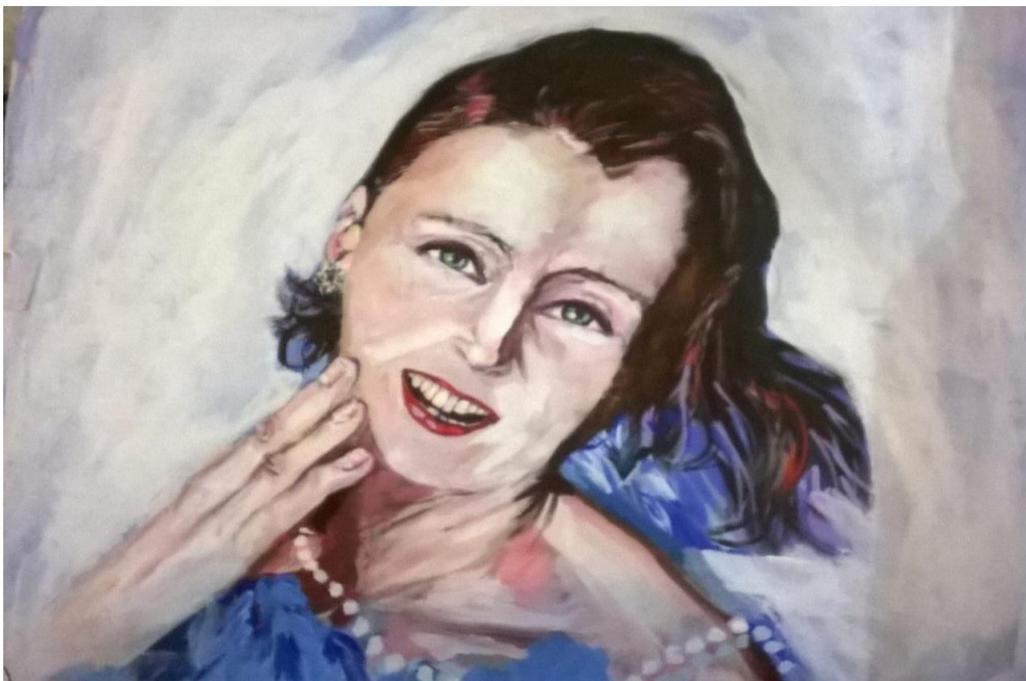


Figura 25: Rosa Marques, acrílica sobre tela, 33 x 50 cm, 2016.



Figura 26: Rosa Marques, acrílica sobre tela, 35 x 50 cm, 2014.



Figura 27: Rosa Marques, acrílica sobre tela, 60 x 40 cm, 2014.

A pintura e o desenho fazem parte da minha vida como uma atividade e envolvimento, entre outras. Como professora de arte, atividade que exerço há 15 anos, na rede pública estadual, desenho seguidamente na lousa, seja para reproduzir alguma obra da história da arte, ou para fazer o retrato de algum(a) aluno(a) na tentativa de buscar a sua atenção para as minhas aulas, ou interagir mais com ele(a). Elas(es) ficam muito motivadas(os) quando faço um desenho rápido com grafite, com as linhas principais delineando o rosto de cada um, individualmente, para depois colocarem suas características próprias, seja com a cor ou em preto e branco.



Figura 28: Rosa Marques, carvão e giz escolar sobre papel Kraft, 60 x 50 cm, 2011.



Figura 29: Rosa Marques, grafite sobre papel, 30 x 55 cm, 2017.



Figura 30: Rosa Marques, caneta marcador sobre quadro branco, 120 x 300 cm, 2017.

Cabe aqui narrar uma experiência que tive em 2017, com uma turma de PCA (Projeto de Classe de Aceleração), que era formada por alunos com dificuldades na aprendizagem e com idades muito diferentes em relação aos demais, como por exemplo, um aluno cuja origem era a de uma turma de sexto ano, mas que teria idade para estar no oitavo. Essa turma foi criada, em caráter experimental, cujo objetivo era, entre outros, propiciar um ensino-aprendizagem diferenciado e suficiente para a aceleração daqueles que obtivessem um desempenho melhor nesse novo ambiente, sendo esse, um modo de oferecer outra oportunidade àquele aluno em desnível em relação aos demais em sua turma de origem, no que tange à sua idade e ao seu interesse. Com eles trabalhei com desenho de observação da figura humana, retratos e autorretratos, tendo sido os resultados alcançados, bem significativos. A

importância desse tipo de aula perpassa pela necessidade desses alunos terem um envolvimento maior em suas atividades, concentração, criatividade e, sobretudo, um olhar para si mesmos, proporcionado pelo desenho de observação e autorretratos elaborados por eles. Vários alunos dessa turma se interessavam bastante nessas aulas produzindo desenhos como podem ser vistos a seguir:



Figura 31: Desenho de observação da figura humana feito por um aluno do PCA (Projeto de Classe de Aceleração), 30 cm x 21 cm, 2017.



Figura 32: Autorretratos dos alunos do PCA, (os dois à direita com a minha participação inicial), 30 x 21 cm (cada um), 2017.



Figura 33: Autorretratos dos alunos do PCA, (abaixo à direita sem minha participação inicial), 30 x 21 cm (cada um), 2017.

Outra experiência mais recente foi o projeto, nesse ano de 2019, com os sétimos anos na escola, sobre arte e meio ambiente.

Iniciei o ano letivo propondo um olhar para o próprio meio onde ocorrem as aulas. Assim, iniciando pela sala de

aula, fizemos, eles e eu, um desenho de observação da lixeira da sala. Num segundo momento, os alunos assistiram ao documentário “Lixo Extraordinário”, que trata sobre a obra de Vick Muniz realizada a partir de sua experiência no lixão de Gramacho, no Rio de Janeiro.

Continuando o projeto, eles realizaram cartazes com a proposta de expô-los nos espaços da escola, chamando a atenção para os diferentes destinos e cuidados que devemos ter com o lixo.

Os alunos realizaram também desenhos criativos a partir do documentário assistido. Criaram logotipos sobre problemas ecológicos. Cada aluno elaborou um folder a partir de um evento imaginado por eles, também criaram composições coloridas com tampinhas de plástico, assim como fizeram pinturas com têmpera e materiais de sucata, alguns inspirados em poesias. Estamos finalizando o ano com a elaboração de um imã de geladeira, com desenhos sobre poluição e meio ambiente, utilizando linhas feitas com caneta esferográfica, ideia que surgiu quando lhes mostrei os desenhos em imãs de geladeira de minha ex-colega Lisiane Fangueiro da Silva, nas aulas do Instituto de Artes, em 2018.

Meu relato sobre esse projeto, no entanto, se deve, principalmente, à proposta de realização de retratos, que foram feitos a partir de registros fotográficos dos funcionários da limpeza, possibilitando uma visibilidade a pessoas que normalmente não a possuem. Após, sugeri que colorissem os desenhos com lápis de cor ou têmpera.



Figura 34: Imãs de geladeira com desenhos à caneta esferográfica e hidrocor chamando a atenção para problemas ambientais, feitos pelos alunos dos sétimos anos, 8 x 12 cm (cada um), 2019.



Figura 35: Desenho a partir do documentário “Lixo Extraordinário”, feito por uma aluna do sétimo ano, 30 x 21 cm. 2019.



Figura 36: Desenhos e pinturas realizadas pelos alunos dos sétimos anos, a partir de fotos dos funcionários da limpeza da escola: Paulo e Simone, 30 x 21 cm (cada um), 2019.

VIII – Relações com o ambiente de trabalho

Recentemente passei a ter um espaço exclusivo para realizar meus trabalhos, que até há pouco tempo eram feitos em diferentes espaços da casa, ou fora dela, em cursos que realizei no Atelier de Pintura do Instituto de Artes, da UFRGS, ou no Ateliê Livre da Prefeitura, que frequentei durante alguns anos. Além do que, sempre que vou para algum lugar, levo o meu material de pintura. Uma parede, uma mesa e ar circulante, que eu possa transitar pelo lugar e me surpreender ao ver o que estou fazendo é o essencial para mim, por enquanto.

Mesmo aposentada em 2017, continuei na atividade de ensino da arte, o que me exige tempo e dedicação. Porém, a carga horária menor favorece a minha disponibilidade para meu trabalho na pintura ou no desenho, condição, portanto, recente para mim.

IX- Artistas referenciais

Matisse e Gauguin foram os artistas pelos quais desde cedo tive grande admiração. Mais tarde conheci a pintura de Lucian Freud, cujo interesse pelo seu modo de trabalhar as figuras me fez sentir impulsionada a estudar duas de suas obras, na tentativa de entender como aconteciam as passagens de claros e escuros na construção da estrutura óssea e musculatura de seus modelos. Seguem-se as imagens destes estudos que fiz nas figuras 36 e 37, abaixo:



Figura 37: Rosa Marques, Acrílica sobre tela, 50 x 60 cm, 2016.



Figura 38: Rosa Marques, Acrílica sobre tela, 34 x 45 cm, 2016.

Em artistas como Françoise Pétrovitch e Elizabeth Peyton percebo alguma relação com a minha pesquisa poética. Pétrovitch é uma artista contemporânea francesa, bastante reconhecida no sistema da arte; identifico-me com seu trabalho, tanto na forma quanto nas questões temáticas, como retratos de mulheres jovens e meninas. O uso do monocromático em algumas obras e no conjunto de trabalhos expostos (Fig.39) me aproxima dessa artista.



Figura 39: Françoise Pétrovitch, Série "Pays der Merveilles", serigrafia sobre papel, 1024 x 683 cm, 2018.

Nessa série, Françoise Pétrovitch utiliza o monocromático; o vermelho faz uma conexão entre imagens de silhuetas de crianças e adolescentes abordando suas emoções, o mundo ao seu redor como animais e personagens de jogos, elevando de forma simbólica ao mundo dos sonhos.

Françoise, não raramente, se utiliza da linha, mas também de áreas chapadas de cor. Interpreto o vermelho utilizado pela artista como simbólico, assim como alguns

detalhes na construção das imagens. Sua linha espontânea e solta é o que busco muitas vezes em meus desenhos.



Figura 40: Pétrovich, da série “Rougir, 55x 32,5 cm, 2011.

Outras de suas obras contém áreas de cor e manchas evidentes, o que são recursos mais identificados com a pintura. Nos retratos abaixo, há uma luz verde-azulada que traz dramaticidade, e algo de onírico une as figuras.



Figura 41: Pétrovich, “Triptyque fillettes” 2012, óleos sobre tela, 64,8 × 49,cm, 2012.

Na obra de Elizabeth Peyton a questão do retrato também me chama a atenção, com relação ao tema. Observo que, além da sobreposição de camadas de tinta, a

artista deixa pinceladas evidentes. Penso que em outras fases de meu processo estive mais próxima dessa artista, o que não significa que eu não possa ainda retornar a esse modo de representação. Ainda, Peyton, ao retratar a pessoa, o olhar dessa parece ser o motivo de todo o restante que compõe a pintura. Ela define os traços que caracterizam a pessoa representada, conferindo identidade às figuras.

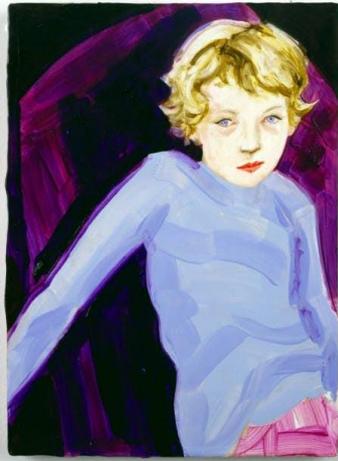


Figura 42: Peyton, “Max”, óleo sobre tela, 30,48 x 22,86 cm, 1996.



Figura 43: Peyton, “Greta Thunberg”, óleo sobre tela, 43,6 x 35,8 cm, 2019.

No retrato de Greta Thunberg (Fig.43), Peyton constrói quase que um mosaico com pinceladas suaves

sobrepostas, ou lado a lado, em diferentes cores e tonalidades e o olhar da pessoa representada parece distanciar-se do seu entorno, como que absorto por seus pensamentos.

Encontro identificação com a cor utilizada pela artista em algumas de suas obras, com o predomínio do violeta, e também com a construção das figuras a partir de diferentes pontos de vista. A artista representa seus modelos frontalmente ou com certa lateralidade que acaba por registrar também o perfil da pessoa em algumas obras, como podemos visualizar nas pinturas da artista, que se seguem nas figuras 44 e 45:

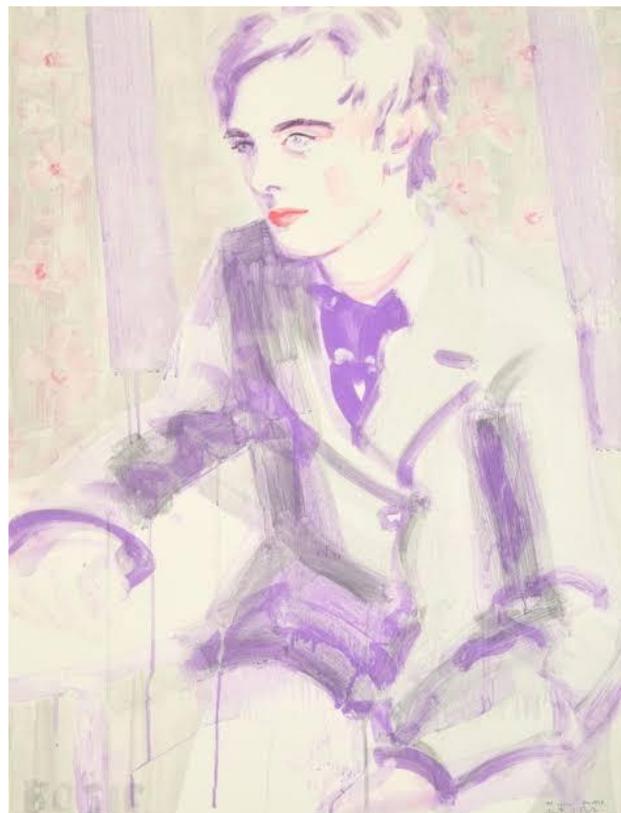


Figura 44: Elizabeth Peyton, "Bosie", 42,25 x 35 cm, 1998.



Figura 45: Peyton, lápis de cor e pastel sobre papel, 21,8 x 15,2 cm, 2016.

Pétrovich e Peyton são exemplos de que o retrato, embora presente desde os primórdios da história da arte, é ainda tema para artistas atuais e inserem esse gênero na arte contemporânea.

X - Considerações finais

Essa pesquisa veio contribuir para novas possibilidades de reflexão sobre meu trabalho, não somente no campo da arte, como também no campo da educação. Ao realizar uma análise sobre meu processo pictórico e conhecendo artistas contemporâneos, que trabalham com o retrato ou a figura humana, pude identificar pontos em comum com a minha produção, o que me possibilitou perceber uma ampliação de minhas perspectivas, tanto em termos da produção artística quanto de leituras que vieram acrescentar elementos e entendimento daquilo que estou realizando. Ampliou minha visão sobre os procedimentos, as técnicas e os sentidos ligados à criação artística.

Ao longo dessa pesquisa, também me foi possível observar conexões entre meu trabalho de pintura e minhas vivências e experiências anteriores desde cedo, que de certo modo influenciaram o que faço hoje. Essa percepção muito se deve aos diálogos proporcionados, observações, convívio, e a orientação crítica ao longo desse Trabalho de Conclusão.

Em termos de educação, vejo que estreitar os laços entre meu lado artístico e o de arte educadora apresenta

muitos ganhos, porque penso ser de fundamental importância o professor de arte ter esse espaço em sua vida para poder estar em contato com a arte e a criação artística de uma maneira mais intrínseca do que, normalmente, se espera de um professor. Mostrar meus trabalhos para meus alunos sempre foi uma prática de minha parte, e percebo resultados bem estimulantes com respeito a isso. No entanto, não raro, uma questão ficava no ar: estou agindo certo? Hoje vejo que meu envolvimento com uma pesquisa em arte vem acrescentar às minhas atividades na área da educação também, porque a realização pessoal, certamente, veio exercer de modo positivo, influência na minha convivência cotidiana com os alunos e as alunas. Observo, ainda, no final dessa pesquisa que não há uma linha que separe minha atividade no ensino da arte e no meu próprio fazer artístico.

X- Referências

ARCHER, Michael. **Arte Contemporânea, Uma História Concisa**. Martins Fontes, 2001.

BACHELARD, Gaston. **A Água e os Sonhos. Ensaio sobre a imaginação da matéria**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1998.

BARBOSA, Ana Mae. **John Dewey e o ensino da arte no Brasil**, Cortez Editora, 8ª ed. 2015.

BENJAMIN, Walter. **A pequena história da fotografia**. In: Obras Escolhidas, Vol I. Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

BULCÃO, Marly. **Bachelard: a noção de imaginação**. Revista Reflexão, Campinas, nos 83/84, p. 11-14, jan./dez., 2003.

IAVELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte**, Artmed, 2003.

NANCY, Jean-Luc. **La Mirada del Retrato**. Buenos Aires-Madrid Amorrortu Editores, 2000.

PASTA, Paulo. **A Educação pela Pintura**. Coleção Mundo da Arte, São Paulo: Editora Martins Fontes - WMF, 2012.

<http://www.margs.rs.gov.br/midia/paisagem-e-memoria/>

ALBUQUERQUE, Marcelo. **História da Arte e Arquitetura:**

<https://historiaartearquitetura.com/2017/04/26/perspectiva/?fbclid=IwAR32QLRGM9tNpnhoxXe-H5rYYdd44JHhMSNuftyD8LFLvPTBPkWhKT-jc>, data de acesso: nov 2019.

IRWIN, Rita. **A/r/tografia:Engajamento como filosofia de pesquisa e prática profissional:**

<http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistacientifica/article/view/1907/1188>, data de acesso: jan. de 2020.

LOPONTE, Luciana e COUTINHO, Andrea: **“Estamos em Perigo? Arte, Educação e Resistências no Brasil”**.

<https://www.ufrgs.br/artevera/?p=1541>, data de acesso: jan. de 2020.

SHAMA, Simon:

<http://www.margs.rs.gov.br/midia/paisagem-e-memoria/> data de acesso: abr 2018.

Elizabeth Peyton:

<https://walkerart.org/calendar/2009/live-forever-elizabeth-peyton>, data de acesso: dez 2019.

Françoise Pétrovich,

https://www.artsper.com/en/search?q=françoise%20petrovic&hPP=120&idx=artworks&p=0&is_v=2, data de acesso: dez 2019.

<https://www.mu-inthecity.com/2018/05/etfrançoise-petrovitch-centre-gravure-la-louviere>, data de acesso: dez 2019.

Artes Visuais na Escola, página no Facebook de Rosa Marques

www.verbavisual.blogspot.com blog de Rosa Marques